

Governo tenta impedir greve

LUÍSA MEDEIROS

DA EQUIPE DO CORREIO

Diante do anúncio de greve dos médicos residentes, o Governo do Distrito Federal (GDF) elaborou uma proposta para impedir o movimento marcado para começar hoje. Eles prometem paralisar os serviços de emergência, cirúrgicos e ambulatoriais de oito regionais, mas o Conselho Regional de Medicina alerta que os plantões não poderão ser abandonados. A negociação entre os profissionais e a Secretaria de Saúde começou na terça-feira. Os residentes reivindicam melhores condições de trabalho e reajuste sobre o valor da bolsa de R\$ 1.459. Técnicos do governo fizeram cálculos e estudaram algumas alternativas para evitar o problema no atendimento da rede pública. As propostas serão apresentadas às 7h, antes da assembléia, na frente do Hospital de Base, prevista para começar às 8h. Os residentes, no entanto, prometeram manter a paralisação das atividades por pelo menos 24 horas porque o aumento da bolsa é apenas uma das reivindicações. Eles querem ser acompanhados por mais preceptores e obedecer a carga de trabalho de 60 horas por semana prevista por lei.

A estimativa da Associação Brasileira de Médicos Residentes (Abramer) é que cerca de 600 bolsistas cruzem os braços durante o dia. O número é bastante representativo, quase todos os profissionais que atuam na rede pública local, que tem 4,2 mil médicos contratados. Por isso, a preocupação do governo é grande. Apesar de afirmar que o funcionamento dos prontos-socorros não será atingido com a greve, o subsecretário de Atenção à Saúde, Evandro de Oliveira, admite que a paralisação pode trazer algum transtorno à população. Para evitar o caos nos atendimentos emergenciais, serão remanejados médicos do quadro.

Punição

O Conselho Regional de Medicina do DF (CRM-DF) alerta, no

Gustavo Moreno/Especial para o CB



O MÉDICO RESIDENTE RODRIGO MENDES NA UNIDADE NEONATAL DO HOSPITAL REGIONAL DE TAGUATINGA SE QUEIXA DO VALOR DA BOLSA E DIZ QUE É OBRIGADO A DAR PLANTÕES EM CLÍNICAS PARTICULARES

entanto, que os bolsistas não poderão faltar ou deixar de atender situações emergenciais. Caso isso ocorra, eles poderão responder a um processo ético e serem punidos com advertências até a cassação do registro profissional. De acordo com o segundo secretário e ex-presidente do conselho, Luiz Fernando Salinas, o Código de Ética Médica estabelece no artigo 24 que os residentes têm o direito de fazer greve, se não tiverem condições mínimas de trabalho. Mas no artigo 35, o código proíbe o médico de aban-

donar o plantão de emergência e urgência. "O código é bem claro. A greve não é justificativa para deixar de atender situações graves. Caso isso ocorra, o CRM será obrigado a abrir processo ético profissional", alerta ele.

Ontem pela manhã, integrantes da Abramer apresentaram a pauta de reivindicações ao subsecretário Evandro de Oliveira. O documento foi encaminhado à governadora Maria de Lourdes Abadia, que pediu aos técnicos do governo o cálculo do reajuste de 53,7% sobre o valor da bolsa.

Além disso, foram estudados outros índices para o aumento do auxílio. Ao contrário de outras unidades da federação, é o governo local e não a União que paga as bolsas dos residentes da rede pública de saúde. Mas o Ministério da Educação informa que o reajuste local no auxílio não pode ser dado, pois o valor é definido em âmbito nacional.

A contratação de médicos experientes, que devem supervisionar o treinamento dos residentes, e o cumprimento da carga horária de 60 horas semanais também

foram analisados pela equipe técnica. "O governo já tem cálculos sobre os valores que seriam necessários para poder atender a remuneração", afirmou o subsecretário. Os residentes, no entanto, estão firmes quanto a paralisação prevista para começar hoje, segundo o vice-presidente da Abramer, Márcio Almeida Paes.

O residente Rodrigo Mendes, 32 anos, aderiu ao movimento nacional de greve e estará hoje na assembléia do Hospital de Base. Há dois anos trabalhando na pediatria neonatal do Hospital Re-

gional de Taguatinga, ele também faz plantão em hospitais particulares. "Trabalhamos muito durante o dia e tenho que fazer um extra para conseguir sobreviver", conta.

Além do baixo valor da bolsa, as más condições de trabalho impedem que o residente Bruno Henry, 28 anos, desempenhe um bom treinamento na unidade de radiologia do HRT. Ele é orientado há um ano pelo médico Rafael Magalhães, mas ainda não conseguiu fazer uma tomografia computadorizada. O equipamento de raios X está quebrado.